


**DA LITERATURA E DAS PRÁTICAS SOCIAIS
AOS ESTUDOS SOBRE A INTERMEDIALIDADE:
A IMPORTÂNCIA DO POSLIT/UNB NA
MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA**

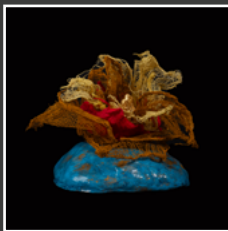
*FROM LITERATURE AND SOCIAL PRACTICES
TO STUDIES ON INTERMEDIALITY:
THE IMPORTANCE OF POSLIT/UNB
IN MY ACADEMIC FORMATION*

Dirlenvalder do Nascimento Loyolla  








Unifesspa | dirlenvalder@unifesspa.edu.br

CERRADOS

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LITERATURA — UNB



ORGANIZADORES:

-   André Luís Gomes
-  Ana Laura dos Reis Côrrea
-   Joao Vianney Cavalcanti Nuto
-   Paulo Petronilio Correia

CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

v. 34, n. 69, 2025
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



10.26512/cerrados.v34i69.59669

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 10/09/2025

Aceito em: 29/11/2025

DISTRIBUÍDO SOB



Resumo

Este artigo analisa a importância do Poslit/UnB na minha trajetória acadêmica e profissional. Nele, argumento que, a partir da área de concentração “Literatura e práticas sociais”, encontrei um espaço metodológico e crítico que ampliou minha formação anterior, marcada pelo viés estruturalista, permitindo articular teoria literária, cultura e sociedade. Destaco, nesse sentido, a importância da disciplina Literatura e Estudos Interartes, decisiva para meu interesse pela obra de Lima Barreto, pelo trabalho com a crônica, e pela elaboração do projeto de pesquisa guarda-chuva “A crônica de costumes 2.0: objetos intermediáticos na literatura e na cultura *pop* (século XX)”, através do qual venho orientando projetos na graduação e na pós-graduação no âmbito da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). O Poslit/UnB revelou-se fundamental por sua postura interdisciplinar e inovadora, formando pesquisadores comprometidos com a dimensão social da literatura e com a democratização do saber para além da universidade.

Palavras-Chave: Poslit, Literatura e práticas sociais, Lima Barreto, crônica, intermedialidade.

Abstract

This article reflects on the importance of Poslit/UnB in my academic and professional development. In it, I show how the concentration area “Literature and Social Practices” provided me with a crucial critical and methodological space to broaden my previously structuralist perspective, allowing me to connect literary theory, culture, and society in a more meaningful way. I highlight, in this regard, the pivotal role of the course “Literatura e Estudos Interartes”, which was essential for sparking my interest in the work of Lima Barreto, for my research on the chronicle, and for the conception of my umbrella research project, “A Crônica de Costumes 2.0: Intermedial Objects in Literature and Pop Culture (20th Century)”. This project, in turn, has allowed me to supervise valuable undergraduate and graduate research at Unifesspa. The experience at Poslit/UnB proved to be essential due to its interdisciplinary approach, shaping researchers committed to the social impact of literature and to the democratization of knowledge.

Keywords: Poslit, Literature and Social Practices,
Lima Barreto, chronicle, intermediality.

INTRODUÇÃO

Bacharel em Estudos Literários pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), talvez eu seja fruto de uma das últimas gerações universitárias da área de Letras ainda fortemente influenciadas pelo Estruturalismo. Tendo cursado a graduação e o mestrado entre os últimos anos da década de 1990 e o início dos anos 2000, fui naturalmente impelido, na época, a afastar meus interesses de pesquisa de tudo o que se referisse aos campos historiográfico e sociológico. Para se ter uma perspectiva prática do que estou afirmando, basta observar que o livro *Teoria da Literatura*, de Vítor Manuel de Aguiar e Silva (1991), foi, de longe, o principal “manual” utilizado nas aulas de teoria literária em minha graduação. Apesar de também contemplar perspectivas histórico-literárias, sociológicas e de recepção, reconhecendo a literatura como fenômeno cultural e comunicativo, o volume possui um forte viés metodológico formalista-estrutural, sobretudo na ênfase atribuída à análise imanente do texto, às categorias narrativas, à organização dos gêneros e às dimensões linguísticas e estilísticas da literatura.

Em 2010, disposto a investigar mais a fundo as relações entre a Literatura e a Sociedade no âmbito do doutorado, ingressei como aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB). Confesso que um dos fatores que mais me motivaram, na época, a escolher o Poslit foi o título da área de concentração, que, a mim, figurava como uma espécie de “fórmula mágica” para todos os meus problemas metodológicos mal resolvidos na graduação e no mestrado: “Literatura e práticas sociais”. Naquela ocasião, cursei a disciplina Literatura e Estudos Interartes (POSLIT2613), ministrada em sistema de parceria pelos professores doutores André Luís Gomes e Rogério da Silva Lima. Um dos frutos dessa disciplina foi o artigo intitulado “*Marginália: o intelectual e as críticas nas margens*”, publicado em coautoria com o pro-

fessor André Gomes no volume 1 da *Revista Sociopoética* (on-line), de 2010.

Cursar a disciplina Literatura e Estudos Interartes mudaria para sempre a minha trajetória acadêmica; a proposta do componente curricular era desenvolver uma análise da relação entre os textos literários e as variadas manifestações artísticas, mas os docentes responsáveis por ela foram muito além do propósito imediato expresso naquela ementa. Afirmo isso porque tal disciplina serviu também de espaço profícuo para o debate em torno da própria temática “literatura e práticas sociais” — expressão esta que, na época, além de identificar a área de concentração do programa, também fomentava certas discussões acaloradas em nosso meio (sobretudo em virtude da influência crescente dos Estudos Culturais no espaço acadêmico). Dessa forma, para alguém como eu, proveniente de graduação e mestrado em Letras ainda marcados pelo viés estruturalista e também pelo tradicionalismo dos Estudos Literários, foi um prazer inenarrável fazer parte de um grupo empenhado em refletir sobre as relações acerca da cultura brasileira e das práticas sociais — tudo isso a partir de uma proposta vinculada aos estudos inter e transdisciplinares que buscavam reler autores canônicos e não-canônicos da Literatura Brasileira.

Foi também no âmbito dessa disciplina que escrevi a primeira versão do artigo “Música, crônica de costumes e cinema: as canções intermediáticas de Miguel Gustavo”, que, anos mais tarde, em 2019, apresentaria no *XVI Congresso Internacional ABRALIC*, e que se tornaria o embrião do projeto de pesquisa “A crônica de costumes 2.0: objetos intermediáticos na literatura e na cultura *pop* (século XX)”, o qual desenvolvo oficialmente na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) desde 2021, mas cuja temática vem me acompanhando desde 2014. A partir de tal projeto venho orientando uma grande quantidade de alunos de graduação e pós-graduação.

No ano de 2011 ingressei como aluno regular no Poslit/UnB. Interessado em estudar o fenômeno literário em sua relação com a história e com a sociologia, resolvi investigar a crônica produzida

pelo escritor carioca Lima Barreto (1881-1922) a partir das obras *Bagatelas* e *Marginália*. Orientado pelo professor André Luís Gomes, estabeleci como interesse primordial da pesquisa a análise da figura do cronista Lima Barreto enquanto intelectual de seu tempo. A partir das ideias de Edward Said sobre a figura do intelectual na sociedade, de alguns conceitos propostos pela Sociologia de Pierre Bourdieu, e também da noção do pensamento do “fora” (Blanchot/Foucault/Deleuze), analisei a maneira mediante a qual o cronista revidou a opressão sofrida em seu meio através da representação de uma postura dissonante e “exilada” em relação ao poder.

A TESE DE DOUTORADO

Defendida em 2014, a minha tese de doutorado intitulada *Bagatelas e Marginália: cultura intelectual e revide ao poder nas crônicas de Lima Barreto* contém uma análise acerca desses dois volumes de crônicas do escritor carioca, publicados, respectivamente, em 1923 e 1953. Importante notar que ambas as obras reúnem crônicas produzidas pelo autor entre 1911 e 1922, período em que trabalhou ativamente como jornalista no âmbito da pequena imprensa do Rio de Janeiro. Em minha análise sobre tais volumes busco explorar a figura de um Lima Barreto *intelectual*: um profícuo *homme de lettres* do início do século XX que, assim como os seus pares, observou as transformações e os problemas dentro da realidade brasileira da Primeira República. Todavia, o que me chamava a atenção em relação a Barreto estava na perspectiva original por meio da qual esse intelectual negro, pobre e suburbano analisou os homens e as instituições de seu tempo.

Atento às mudanças sociais do período, Barreto usou o espaço jornalístico para expor suas ideias, jamais deixando de criticar abertamente todos os desarranjos políticos e as desigualdades socioeconômicas existentes no Brasil. Assim, através de um exercício constante de reflexão sobre o nível de cultura intelectual do seu meio, o escritor evidenciou a noção de que a intelectualidade deva ser utilizada como instrumento de distinção e de revide à moral burguesa republicana em relação à qual sempre se sentiu incomo-

dato. Vale lembrar, nesse caso, que, apesar de sua origem humilde, o escritor teve acesso a boas escolas e, conseqüentemente, à boa educação (isto é: a uma formação humanística de excelência). Suas críticas, desse modo, eram organizadas em função daquilo que o escritor ilustrava como sendo o despreparo intelectual dos dirigentes da nação: homens cuja origem e formação burguesa destoavam do ideal humanista concebido pelo escritor.

Importante notar que as crônicas de *Bagatelas* e *Marginália* foram publicadas, originalmente, em periódicos modestos, de pouca circulação (característica da pequena imprensa); sendo assim, o autor tentou reunir em forma de livro alguns de seus melhores textos jornalísticos visando, com isso, potencializar a divulgação de suas ideias e reflexões. Lima Barreto pode ser visto, pois, como um tipo de escritor que acreditava na Literatura enquanto veículo de mobilização e de transformação social.

Posto que minha abordagem acerca de Barreto partisse necessariamente do ponto de vista da noção da intelectualidade, entendi como primordial a necessidade de se traçar um perfil particular desse escritor que, antes de mais nada, estivesse sintonizado com minhas afirmações em relação à sua atividade como jornalista e homem de letras. Para tanto, em meu trabalho também procurei lançar mão de vários textos e documentos provenientes de fontes diversas, como cartas, diários, biografias, ensaios, narrativas e obras de ficção em geral para delimitar o *intelectual* Lima Barreto que interessava à minha pesquisa. Foi dentro dessa perspectiva que dois autores, a saber, Edward Said e Pierre Bourdieu, tornaram-se muito importantes para a consolidação de uma perspectiva particular de leitura acerca da figura de Lima Barreto enquanto intelectual.

Em meu trabalho, desse modo, sustentei que a principal dificuldade enfrentada por Lima Barreto em sua vida de escritor esteve ligada, sobretudo, não a um problema de cor ou de classe, como querem alguns críticos, mas a um problema de campo (no sentido dado por Bourdieu a “campo literário”). Foi a partir da perseguição vivenciada por ele depois de 1909, quando publicou o seu polêmico *Recordações do escrivão Isaías Caminha* que a negritude, a pobreza

e a visão suburbana transformaram-se em elementos intensificados da sua postura aguerrida em relação ao sistema. Suas crônicas escritas a partir de 1911 são bons exemplos disso; foi em tais textos que Barreto explorou ao máximo a sua verve de grande intelectual subversivo, cuja marca do “exílio” e do “fora” passaram a ser cultivadas de maneira ainda mais forte. A partir de então, a trajetória literária desse “subdesenvolvido erudito” passou a ser marcada pelo imperativo do revide, uma crescente necessidade de vingança contra o poder estabelecido que passou a ser pautada na sua maneira de afirmar-se intelectualmente “superior” aos dominantes.

Devido às várias situações de exclusão pelas quais passou o escritor durante sua breve e conturbada existência, salta aos olhos, obviamente, a maneira através da qual Lima Barreto tomou partido numa luta pessoal contra a estrutura republicana. Para o autor, havia uma espécie de *falsidade* em torno da República: tudo nela lhe parecia como que postiço, artificial. Testemunha ocular das transformações empreendidas na Capital Federal durante a Reforma Pereira Passos (1902-1906), Barreto logo entendeu que o Brasil parecia querer ser, à força e na superfície, uma coisa que de fato não era (moderno, avançado, dinâmico). Ao chamar a atenção das pessoas para essa república “teatral”, Lima Barreto desenvolveu uma análise bastante pontual sobre os mecanismos velados de exclusão que a República trouxe consigo. Na pauta de discussões desse cronista bastante atual, não faltavam reflexões sobre o crescente entusiasmo popular pelo futebol e pelo carnaval no início do século: ferramentas da política do “pão e circo” usadas para iludir o povo.

Foi a partir do interesse em desenvolver um estudo específico acerca dessa questão da “teatralidade” percebida por Barreto na vida política e social brasileira, bem como em analisar a própria visão do autor sobre a importância do teatro que surgiu o artigo “Impressões teatrais: o olhar (marginal) de Lima Barreto sobre o teatro”, publicado por mim e pelo meu orientador no volume 5 da *Revista Raído*, de 2011.

IMPACTOS DO POSLIT/UNB NA MINHA CARREIRA COMO DOCENTE E PESQUISADOR

Posso afirmar, categoricamente, que foi graças à releitura de Lima Barreto propiciada pela disciplina Literatura e Estudos Interartes que me interessei por esse autor carioca que mal havia lido na graduação, e cuja obra tornou-se objeto de pesquisas e publicações que venho efetivando desde então. Docente efetivo da Unifesspa desde 2014, ano em que defendi o meu doutorado, já desenvolvi dois projetos de pesquisa (PIBIC) nessa instituição voltados para o estudo da obra do escritor: *Ridendo castigat mores: o riso e a correção dos costumes na sátira Os Bruzundangas, de Lima Barreto* (entre 2014 e 2015) e *Gostos de liberdade versus Gostos de necessidade: usos do senso estético como senso da distinção nas crônicas de Lima Barreto* (2016-2017).

Desde 2017 também sou um dos líderes do Grupo de Pesquisa “Modernismo periférico: poéticas do século XX” (UEMS/Unifesspa), dentro do qual continuo desenvolvendo estudos relacionados à obra de Barreto. Além disso, tendo sido um dos idealizadores do Programa de Pós-Graduação em Letras (Poslet) da Unifesspa, iniciado em 2017, orientei a primeira dissertação defendida em nosso mestrado acadêmico, intitulada *O truque republicano e a política da ilusão: reflexões sobre essência e aparência nos contos de Lima Barreto*, de Cátia Canêdo.

O Poslit, portanto, incentivou-me a pesquisar a obra desse autor que desde sempre foi relegado a um segundo plano dentro da história literária brasileira, e sobre quem recaíram várias injustiças. Fico muito feliz pelo fato de fazer parte de uma geração de acadêmicos que, impulsionada pela abertura dialógica propiciada pelo Poslit, participou de um franco processo de reabilitação do nome de Barreto no âmbito da crítica acadêmica do início do século XXI. É graças à postura sempre dialógica e inovadora de programas de pós-graduação como o Poslit que algumas “verdades críticas” praticamente “cristalizadas” sobre Lima Barreto podem hoje ser amplamente questionadas.

A CRÔNICA DE COSTUMES 2.0: OBJETOS INTERMIDIÁTICOS NA LITERATURA E NA CULTURA POP (SÉCULO XX)

Afirmo, acima, que cursar a disciplina Literatura e Estudos Interartes no Poslit em 2010 mudou para sempre a minha trajetória acadêmica; muito dessa mudança se deve ao modo através do qual passei a ler certos gêneros literários menos prestigiados, como a crônica, e também certas formas artísticas, como a canção.

Foi a partir do que inicialmente aprendi na disciplina com os professores André Luís Gomes e Rogério da Silva Lima que formulei, anos mais tarde, o projeto de pesquisa “A crônica de costumes 2.0: objetos intermidiáticos na literatura e na cultura *pop* (século XX)”. Tal projeto guarda-chuva buscou desenvolver, inicialmente, a temática daquilo que denominei como “crônica de costumes intermidiática”, aprofundando o estudo em várias frentes visando investigar o modo por meio do qual determinados objetos intermidiáticos do século XX, como canções, poemas e narrativas se comportam como crônicas de costumes. Dentro dessa perspectiva, foram analisadas obras do jornalista e compositor Miguel Gustavo e da autora e também compositora Carolina Maria de Jesus.

Além disso, o referido projeto também serviu como espaço para elaboração de temas de pesquisas de TCC e de iniciação científica ligados ao fenômeno da intermedialidade, da tradução e da transposição intermidiática, bem como sobre discussões entre a cultura *pop* e sua relação com a indústria cultural.

A pesquisa original foi um desdobramento da comunicação “Música, crônica de costumes e cinema: as canções intermidiáticas de Miguel Gustavo”, apresentada no *XVI Congresso Internacional ABRALIC* em julho de 2019. O objetivo naquela ocasião foi chamar a atenção para o fato de que determinadas canções do jornalista e compositor Miguel Gustavo (1922-1972) podem ser vistas como obras necessariamente intermidiáticas, uma vez que, para a sua confecção, lançam mão de referências à história do cinema, bem como de certos elementos da própria linguagem cinematográfica. Nessa perspectiva, tais canções também são construídas em sintonia fina com o jornalismo, funcionando como crônicas musicais de costu-

mes — importantes objetos de memória que marcaram um período de efervescência no cenário popular brasileiro.

Ademais, também vem interessando ao projeto investigar o fenômeno da intermedialidade, bem como as relações entre tradução e transposição intermediária; discutir a chamada cultura *pop* e sua relação com a Indústria Cultural; selecionar obras de caráter intermediário (poemas, canções, narrativas tradicionais, narrativas fílmicas, etc.) com vistas à criação de um corpus de análise e, por fim, publicar os resultados de pesquisa em artigos acadêmicos.

Os Estudos Interartes e os Estudos sobre a Intermedialidade dizem respeito a disciplinas bastante recentes no meio acadêmico, embora as relações entre os vários segmentos artísticos chamem a atenção de pensadores desde a Antiguidade. De acordo com Wellek e Warren (1966), pertence ao famoso poeta e pensador latino Horácio, por exemplo, a frase “*ut pictura poesis*”, que significa “a poesia é como a pintura”; ou seja: para Horácio, a poesia e a pintura seriam similares sob o ponto de vista da interpretação. Também da Antiguidade viria a afirmação do grego Simônides de Ceos, para quem “a pintura é poesia muda e a poesia uma pintura da voz”.

Em seu livro *Teoria da Literatura*, publicado originalmente em 1948, René Wellek e Austin Warren (1966), fizeram algumas das primeiras alusões sistemáticas à relação entre a literatura e as outras artes. Para ambos os críticos, as relações da literatura com as belas artes e com a música são muito variadas e complexas, e não raramente acontecem relações de influência entre tais áreas no que diz respeito à criação de temas para as diversas obras. Assim, faz-se possível que um poema tenha sido concebido a partir de um quadro ou de uma canção ou melodia. Do mesmo modo, há diversos exemplos, segundo os críticos, de peças musicais e de quadros surgidos a partir de temas literários. O contexto do Romantismo possibilitou ainda mais a livre confluência entre as expressões artísticas. Isso se deve principalmente às ideias de pensadores importantes para o idealismo alemão, como Hegel, para quem a arte seria detentora de capacidades intelectivas tais quais a filosofia, a ciência e a religião. Todavia, foram os artistas do Simbolismo e do

Impressionismo, principalmente, que promoveram certo amadurecimento sobre a discussão entre as relações da literatura e as outras artes, visto que era muito cara para eles a questão da arte enquanto expressão. Para Wellek e Warren (1966), foram, a propósito, poetas simbolistas como Arthur Rimbaud e Paul Verlaine que propuseram relações ou correspondências entre os signos verbais e os não-verbais, assim como a questão da sinestesia (cores às vogais, por exemplo).

Em seu livro supracitado, Wellek e Warren (1966) discutiram a nova organização da teoria literária, mostrando as diferenças metodológicas entre a visão extrínseca e a visão intrínseca que se configurava em seu tempo. Até o início do século XX, a análise literária era feita basicamente a partir de uma abordagem dita “extrínseca”; isto é: feita “de fora para dentro”; tomavam-se outras disciplinas, como a história, a sociologia, a geografia, a filosofia, entre outras, como parâmetro para se analisar as obras. Depois disso, a visão formalista trouxe a abordagem intrínseca, a partir da qual as obras literárias só deveriam ser analisadas enquanto um universo fechado e a partir de características afins ao fenômeno do discurso (figuras de linguagem). Essa abertura metodológica foi importante para o total entendimento, por parte da crítica especializada, da arte enquanto uma espécie de linguagem.

Em seu livro *Linguística e Comunicação*, ao estabelecer o conceito de tradução, o linguista Roman Jakobson (2003) subdividiu-o em três categorias: (1) tradução intralingual; (2) tradução interlingual e (3) tradução intersemiótica, mostrando que os processos tradutórios envolvem muito mais coisas do que a mera transposição de significados de uma língua para outra. No que diz respeito ao que ele chama de tradução intersemiótica, Jakobson reafirma o pressuposto da relação interartes: mostra que é perfeitamente possível a transposição de uma mensagem verbal em uma mensagem não-verbal e vice-versa (Jakobson, 2003).

No campo da lírica, essa relação é mais evidente como se pode perceber a partir de trabalhos como os do movimento da Poesia Concreta, em que o elemento verbal (ou de sentido) dos textos pas-

sou a ser conformado em uma estrutura visual geométrica, sugerindo novas dimensões interpretativas para as obras. Mais recentemente, essa proposta foi revolucionada pelos trabalhos rotulados como “poesia visual”, os quais não fazem uso nem mesmo de palavras para a composição de alguns poemas. A poesia visual, portanto, diz respeito a uma junção entre a literatura e as artes visuais.

Os estudos de Jakobson deram margem a outra perspectiva teórica relativa à área dos estudos interartes e sua relação com a literatura, a qual se entende pela chamada teoria da adaptação. Após a segunda metade do século XX, com o desenvolvimento do cinema e da televisão, bem como das artes gráficas em geral, houve uma série de adaptações de obras literárias para novos formatos. Isso gerou uma demanda por parte da crítica, que passou a não reconhecer mais tais produtos como meras cópias incompletas da obra literária original, posto que, em se tratando de uma nova dimensão semiótica, tornava-se anacrônico todo e qualquer tipo de acusação de insuficiência por parte da adaptação. Assim, críticos como Linda Hutcheon (1991; 2013) propuseram uma nova perspectiva em relação ao contexto de criação de obras adaptadas; para ela, o filme ou a telenovela produzidos a partir de uma obra literária, como um romance, por exemplo, devem ser considerados em sua individualidade, não necessariamente levando-se em consideração sua “fidelidade” em relação à narrativa original.

A nova perspectiva proposta por teóricos como Hutcheon (1991; 2013) ganha força, uma vez que cada adaptação produzida num determinado tempo e espaço será marcada, necessariamente, com certos códigos linguísticos, morais e comportamentais de seu espaço e tempo. Vale dizer: um mesmo romance de língua inglesa ou uma peça de Shakespeare adaptados pelo cinema hollywoodiano ao longo do século XX, por exemplo, gerarão tantas obras diversas quantas forem suas adaptações.

Os estudos sobre a intermedialidade, por sua vez, representam uma área recente de pesquisa que evoluiu principalmente da Literatura Comparada. De acordo com Claus Clüver (2006a), nos Estados Unidos, esse ramo dos estudos acadêmicos começou

como Artes Comparadas e, mais tarde, transformou-se nos chamados Estudos Interartes; na Europa, especialmente na Alemanha e nos países nórdicos, desde o início a abordagem foi mais geral com interesse em fenômenos intermediáticos.

Trata-se de um fenômeno que, de acordo com Clüver, implica, enquanto conceito, “todos os tipos de interrelação e interação entre mídias” (Clüver, 2011, p. 9). Para o teórico, uma metáfora frequentemente aplicada aos processos intermediáticos fala de cruzar as fronteiras que separam as mídias. O professor Claus Clüver, da Universidade de Indiana (EUA), é considerado um dos fundadores e um dos principais sistematizadores da chamada Intermedialidade. O pesquisador desenvolve trabalhos acerca das várias imbricações do fenômeno no contexto da arte contemporânea, a qual parece possuir o caráter intermediático em sua própria natureza. Todavia, é importante entendermos que mesmo obras do passado também manifestam o fenômeno em sua constituição.

De acordo com Coca (2013), o termo intermídia surgiu em 1966, no ensaio intitulado “Intermedia, Something Else Newsletter”, de Dick Higgins. Embora antigo, trata-se de um conceito ainda em processo, isto é, um eixo de pesquisa com uma abordagem relativamente “nova”:

Os antecedentes da intermedialidade perpassam conceitos como a dinâmica intertextual discutida por Julia Kristeva e os estudos interartes. A primeira corrente, mais voltada para a tradição literária, e a segunda para as formas de expressão consideradas como artes. Não é, contudo, um conceito “novo”, mas que só começa a ser discutido de maneira mais efetiva no meio acadêmico a partir da década de 1980, quando se acirra a preocupação em compreender os procedimentos, estruturas e conceitos que integram as mídias e, conseqüentemente, esses processos em suas

dimensões históricas e sociais. (Coca, 2013, p. 103)

Para Aguiar e Queiroz (2015), o reconhecimento do termo Intermidialidade lida com fenômenos semelhantes em diferentes áreas, buscando abrir possibilidades no sentido de relacionar as mais variadas disciplinas e desenvolver teorias relevantes sobre Intermidialidade de forma geral e transmidiática. Segundo Clüver (2006b), as artes, em geral, são vistas como formas específicas de linguagem e, logo, podem ser entendidas como mídias, isto é, meios de comunicação. Assim, no sentido de se fazer uma abordagem a tal fenômeno, o teórico ressalta a importância da Semiótica, afirmando que ela “deu suporte à criação de muitos conceitos e métodos úteis para lidar com um elevado número de questões cruciais” (Clüver, 2006b, p. 119).

Importante notar que a Intermidialidade pode ser vista como uma condição básica do fazer artístico, porque, na prática, poucos são os que trabalham apenas em uma mídia gráfica ou coisa assim, posto que, normalmente, tudo que é digital já é intermidiático. Na contemporaneidade, há diversos campos de estudo interessados em investigar o fenômeno da Intermidialidade, tais como a Literatura Comparada, os Estudos Culturais, a Semiótica, a Teoria Crítica, Teoria da Comunicação, entre outros. Muitos pesquisadores concordam que há uma forte influência da Teoria Literária sobre os estudos relacionados à Intermidialidade. Para Aguiar e Queiroz (2015), os questionamentos vêm se desdobrando ao longo dos anos em tópicos que buscam esclarecer: (1) a definição precisa dos assuntos fundamentais ligados ao sentido do termo “mídia”; (2) a comparação entre modelos e teorias rivais, tais como teorias sociais aplicadas e modelos intermidiáticos de comunicação; (3) a relação entre multimodalidade e Intermidialidade:

Alguns centros de pesquisa e programas importantes de pós-graduação focaram no estudo da Intermidialidade, tais como: Centro de Pesquisa sobre a Intermidialidade –

Universidade de Montreal (Canadá), Centro de Estudos Multimodais e Intermediáticos da Universidade de Linnaeus (Suécia), Grupo de Pesquisa sobre Iconicidade [IRG] – Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil), Grupo de Pesquisa sobre Intermedialidade e Performance – Universidade Monfort (Grã-Bretanha), Núcleo de Estudos sobre a Intermedialidade – Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil), Programa de Mestrado em Estudos de Mídia e Artes Comparativas – Universidade Livre de Amsterdam (Holanda), Departamento de Estudos de Intermídia – Universidade de Ostrava (República Tcheca). (Aguiar; Queiroz, 2015, p. 2)

Em linhas gerais, o conceito de mídia que sustenta os estudos sobre a Intermedialidade a entende como: “Aquilo que transmite um signo (ou uma combinação de signos) para e entre seres humanos com transmissores adequados através de distâncias temporais e/ou espaciais” (Bohn, Müller, Ruppert *apud* Clüver, 2011, p. 9). De acordo com o pesquisador, no âmbito dos estudos propostos por ele, faz-se de extrema importância entendermos a noção de mídia não como sinônimo de “meios de comunicação” (jornais, rádio, TV), mas sim como uma dimensão muito mais abrangente: “[...] a nova abordagem implica exatamente a reconceituação da dança, da música e das artes plásticas como mídias” (Clüver, 2011, p. 10).

O fato é que quando analisamos a fundo as várias manifestações artísticas produzidas no âmbito das artes plásticas, da música, da dança e do cinema, necessariamente perceberemos a existência de vários aspectos comuns ligados a uma realidade sensorial e apreensiva em todos esses sistemas de significação. A Intermedialidade, portanto, não é fruto das últimas revoluções tecnológicas empreendidas ao longo do século XX até o presente; ela existe desde a Antiguidade, quando um tema literário inspirava um escultor

ou um pintor a produzirem objetos artísticos que faziam uma espécie de “ponte” entre duas linguagens diferentes.

Pois em toda a história das artes, em geral, é possível perceber uma certa confluência de temas e ideias, o que necessariamente pode resultar num vasto campo para práticas comparativistas:

Estou consciente de que muitos dos conceitos e fenômenos aos quais me referi trazem consigo um peso teórico considerável. Quero aqui apenas indicar que, sobretudo entre semioticistas, uma obra de arte é entendida como uma estrutura sígnica — geralmente complexa —, o que faz com que tais objetos sejam denominados “textos” independente do sistema sígnico a que pertençam. (Clüver, 2006a, p. 15)

Assim, uma obra de arte incorpora certa noção de valor no tempo e no espaço que tende a transformá-la num artefato significativo, com determinados propósitos. E ela deverá ser apreciada em razão da eficiência demonstrada nas suas diferentes características (textuais, visuais, sonoras, etc.), ou seja: em função de sua adequação a uma determinada finalidade, estimulada no interesse da consciência e na transmissão dos valores que refletem as dimensões da existência humana:

Um texto isolado — seja lá em que mídia ou sistema sígnico — pode representar um rico objeto de pesquisa para os Estudos Interartes, da mesma forma que um texto literário isolado, considerando suas implicações intertextuais, já se oferece ao comparativista, frequentemente, como objeto de pesquisa promissor. (Clüver, 2006a, p. 14)

Os estudos interartes contemporâneos partem de investigação das interrelações entre as artes e da abordagem de assuntos voltados às práticas culturais através dos discursos transdisciplinares, focalizando principalmente o texto. Há uma orientação pela semiótica, partindo da representação para a intertextualidade, para a combinação e para a transposição intersemiótica:

O sucesso de um tradutor não dependerá somente de sua habilidade e criatividade, mas também das decisões sobre o que será eliminado e sobre o equivalente que precisa ser encontrado. Essas decisões serão determinadas pela função à qual a tradução se presta e pelo contexto no qual ela aparece — considerações igualmente envolvidas na transposição intersemiótica. (Clüver, 2006b, p. 117)

Percebe-se que a Intermidialidade mostra uma variedade de textos e hipertextos, visuais, verbais, musicais, cinéticos, performativos e digitais que não se circunscrevem em uma determinada categoria que busca restringir as formas disciplinares, mas que também lançam desafios aos diferentes campos e níveis. Desse modo, os textos dialogam por meio das traduções, em relações intertextuais em que os fatores do contexto sejam representados por diferentes sistemas semióticos.

Na investigação que proponho, pretendo analisar objetos intermediáticos chamando a atenção para o fato de que tais composições podem ser lidas como “crônicas de costumes”, as quais foram produzidas numa rara sintonia entre as dimensões da música, do cinema, do jornalismo, da publicidade e da propaganda. Meu interesse é o de argumentar a favor da ideia de que tais composições intermediáticas assumem características similares às da crônica por estarem intimamente ligadas a questões referentes ao cotidiano da época em que foram compostas.

Para o crítico Davi Arrigucci Jr., em seu ensaio “Fragmentos sobre a crônica”, o trabalho de todo cronista está inserido numa contínua tensão entre a fugacidade dos fatos e a eternidade da história; a crônica, assim, “parece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um arriscado duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa” (Arrigucci Jr., 1987, p. 53). O processo através do qual a crônica vence a circunstância está marcado pela dinâmica e pelo alcance do fenômeno estético, pois é pela elaboração da linguagem (pela força poética ou pelo humor) que ela pode ser vista como uma “forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história” (Arrigucci Jr., 1987, p. 53). A crônica, como é possível perceber, possui a capacidade singular de aproximar o leitor atual da “substância íntima” do tempo em que foi escrita; ela promove a renovação de certo teor de “verdade íntima, humana e histórica”, a qual permanece impressa “na massa passageira dos fatos” que, aos poucos, vão se desintegrando com o tempo (Arrigucci Jr., 1987, p. 53).

A crônica de costumes, propriamente dita, pode ser vista como o retrato dos costumes de uma sociedade; um gênero literário que busca retirar da vida cotidiana os elementos da sua criação, refletindo sobre os fatos sociais mais inusitados tanto com ironia quanto com simplicidade. De acordo com José Marques de Melo (*in* Castro; Galeno, 2002, p. 149), o conceito de “crônica de costumes” presume o sentido da relação ou comentário de hábitos e comportamentos de pessoas numa sociedade em certo contexto ou condições. A expressão “de costumes”, implica, portanto, uma dimensão ligada à explanação sobre comportamentos morais e hábitos sociais; assim, o que se deseja investigar aqui é a crônica de costumes 2.0 — isto é: a crônica de costumes intermediática: dinâmica, atualizada e consonante com a arte na pós-modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, é lícito afirmar que o Programa de Pós-Graduação em Literatura (Poslit) da Universidade de Brasília (UnB) desempenhou um papel fundamental na minha trajetória acadê-

mica, contribuindo não apenas para a ampliação da minha visão acerca dos estudos literários, mas me fornecendo ferramentas metodológicas que me permitiram uma visão mais ampla acerca dos Estudos Culturais e de minha missão enquanto profissional das Letras. Sua missão — formar profissionais capazes de articular teoria literária, prática pedagógica e intervenção social — coloca o programa em sintonia com as demandas de um país em constante transformação cultural e educacional. A área de concentração “Literatura e Práticas Sociais” destaca-se por promover um diálogo profícuo entre os fundamentos teóricos e suas possibilidades de aplicação. Trata-se de um campo que compreende a literatura não apenas como objeto estético, mas como prática cultural e social, capaz de atravessar fronteiras disciplinares e impactar a vida coletiva.

O Poslit/UnB caracteriza-se por sua interdisciplinaridade e por sua abertura a múltiplas correntes teóricas, o que permite aos pesquisadores desenvolverem investigações consistentes e socialmente relevantes. A sua área de concentração tem, nesse sentido, possibilitado a formação de mestres e doutores que compreendem a literatura como fenômeno cultural complexo, vinculado a práticas de leitura, produção e recepção em diferentes contextos sociais. Destaque seja feito, nesse sentido, à importância do Poslit na minha atividade como pesquisador e coordenador do projeto de pesquisa “A crônica de costumes 2.0: objetos intermidiáticos na literatura e na cultura *pop* (século XX)”.

Ao estimular a análise de teorias em diálogo com práticas sociais, o programa propicia aos discentes não apenas o domínio conceitual, mas também a capacidade de aplicar tais conceitos em situações concretas, como o ensino de literatura, a mediação de leitura em comunidades e a participação em políticas culturais. Assim, a formação ultrapassa a dimensão técnica e assume um caráter ético-político, preparando intelectuais comprometidos com a transformação social.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1991.
- AGUIAR, Daniella; QUEIROZ, João. Intermediality: phenomena and some research problems. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/UFJF**. v. 9, n. 2, dezembro de 2015.
- ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. *In*: ARRIGUCCI JR., **Enigma e comentário**. Ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- CLÜVER, Claus. Da Transposição Intersemiótica. *In*: ARBEX, Márcia (Org.). **Poéticas do visível**: ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras–Estudos Literários, Faculdade de Letras da UFMG, 2006b, p. 107-166.
- CLÜVER, Claus. INTER TEXTUS / INTER ARTES / INTER MEDIA. **Aletria**: Revista de estudos de literatura. Belo Horizonte, n. 14, 11-41, jul./dez. 2006a.
- CLÜVER, Claus. Intermedialidade. **PÓS**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da UFMG, v. 1, n. 2, nov. 2011, p. 8-23.
- COCA, Adriana Pierre. A intermedialidade na ficção televisual contemporânea: os diálogos possíveis na microssérie Capitu. **Interin** [on-line]. Curitiba, v. 16, n. 2, p. 102-115, jul./dez. 2013.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. História, Teoria, Ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. 2ª ed. Trad. André Cechinel. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. 5. ed. s/l: Publicações Europa-América, 1966.

BIBLIOGRAFIA

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento. A crônica do “fora” em *Bagatelas* e *Marginália*, de Lima Barreto. **Cerrados**, v. 27, p. 181-201, 2018.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento. ***Bagatelas e Marginália: cultura intelectual e revide ao Poder nas crônicas de Lima Barreto***. 2014. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília: UnB, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/16344>. Acesso em: 6 de setembro de 2025.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento. *Bagatelas*, de Lima Barreto – ou: modos de se dizer “eu acuso”. In: TEIXEIRA, Marcos; LOYOLLA, Dirlenvalder; CANÊDO, Cátia; SOUSA, Sâmia Regina Mourão de (Org.). **Modernismo Periférico: poéticas do século XX**. São Paulo: Todas as Musas, 2022, v. 1, p. 87-110.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento. Considerações sobre ética e estética na crônica de Lima Barreto. **Estação Literária**, v. 21, p. 196-216, 2018.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento. *Lima Barreto – Negro, pobre, intelectual: violência simbólica e mecanismo de distinção na Primeira República*. In: ROSA, Daniele dos Santos; MANTOVANI, Juliana Estanislau de Ataíde (Org.). **Literatura, Ensino e Outras Artes**. Campinas: Pontes Editores, 2018, v. único, p. 285-296.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento. Música, crônica de costumes e cinema: as canções intermediáticas de Miguel Gustavo. In: **Anais do XVI CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC**, 2019, Brasília. Circulação, tramas & sentidos na literatura, 2019. v. 1.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento. Pressupostos éticos e estéticos vinculados aos espaços intelectuais e urbanos: tensões entre o Rio de Janeiro “conservador” de Lima Barreto e a São Paulo “futurista” do Modernismo de 22. In: CARNEIRO, Fabianna Simão Bellizzi; BORGES FILHO, Ozíris (Org.). **Espaços ficcionais da opressão**. São Paulo: Mercado de Letras, 2024, v. 1, p. 85-106.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento. Um olhar sobre o exílio intelectual e o amadorismo em Lima Barreto e Orson Welles. Afluente. **Revista de Letras e Linguística**, v. 04, p. 214-229, 2019.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento; CANEDO, Cátia. *Lima Barreto: feminismo, antifeminismo e autoria feminina sob a ótica de um cronista de vanguarda*. In: RITA, Annabella; LOYOLLA, Dirlenvalder; SILVA, Fabio Mario da; CANÊDO, Cátia (Org.). **Literatura & Sociedade na Pluralidade lusófona**. Viseu: Edições Esgotadas, 2018, v. 1, p. 129-146.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento; CANEDO, Cátia. *Lima Barreto: o truque republicano e a política da ilusão*. In: RIBEIRO, Nilsa Brito; SOUZA, Abílio Pachêco de; MELLO, Andréa Hentz de; LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento; SILVA, Idelma Santiago; DREBES, Laila Mayara; CLAUDINO, Livio Sérgio Dias (Org.). **Linguagens e dinâmicas territoriais nas amazônias**. Rio Branco: Nepan, 2022, v. 1, p. 56-71.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento; FERREIRA, Cinara Antunes. Do Livro ao LP: crônica de costumes e referências intermediáticas em *Quarto de despejo* – Carolina Maria de Jesus cantando suas composições. **Revista Soletras**, v. 46, p. 307-333, 2023.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento; GOMES, André Luís. Impressões teatrais: o olhar (marginal) de Lima Barreto sobre o teatro. **Raído – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD**. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: UFGD, v. 5, n. 10, Jul./Dez. 2011, p. 243-261.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento; GOMES, André Luís. Marginália: o intelectual e as críticas nas margens. *Sociopoética*. **Revista interdisciplinar Sociedade Cultura Literatura do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB**. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande: UEPB, v. 1, n. 6, jul. a dez. 2010, p. 113/9-124.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento; LIMA, Elizabete Barros de Sousa. Lima Barreto e a República “teatral”: desassossegos em torno de um projeto sociocultural enfermo. In: ASSIS, Lúcia Maria

de; SANTOS, Janete Silva dos (Org.). **Lima Barreto na sala de aula-
Vol. 3**–O centro, as margens e outros temas. 1ed. São Paulo: Blucher,
2024, v. 1, p. 115-134.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento; SILVA, Francisco de Fátima
da; SOUZA, Fabrício Lúcio Gabriel de; CARVALHO, Letícia Figueiredo
(Org.). **Tradução, intermedialidade, teoria da adaptação:
experiências e perspectivas**. São Paulo: Todas as Musas, 2025.